

PEDRO DA SILVA



AS PROSAS DO Pedrinho

 EDISE

AS
PROSAS DO
edrinho



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE – SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretora Administrativa-Financeira

Maria das Graças Souza Garcez

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE – EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

PEDRO DA SILVA

AS
PROSAS DO
Pedrinho

 EDISE

Aracaju
2020

Capa

Clara Macedo

Ilustração de Capa

Lorenzo Barcellos

Diagramação

Clara Macedo

Projeto Gráfico

Clara Macedo

Revisão

Yuri Gagarin

Ilustrações

Lorenzo Barcellos

Pré-Impressão

Dalmo Macedo | Marcos Nascimento

S586pSilva, Pedro da

As prosas do Pedrinho [recurso eletrônico] /Pedro da Silva.–
Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2020.
88 p.: il.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide web:
<https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-65-0

1. Prosa brasileira. 2. Personagens. 3. Cotidiano. 4. Ilustrações. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-1

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

Esta é uma obra de ficção; qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos, lugares ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

APRESENTAÇÃO

Este livro tem como objetivo descrever pequenos fatos e acontecimentos que são contados no dia a dia e nasceu de um conjunto de ideias catalogadas nos últimos anos. A partir destes eventos o autor considerou o fato de transformá-las em um texto que pudesse chegar ao conhecimento daqueles que gostam e apreciam este tipo de narrativa.

Os contos do Pedrinho é uma produção apaixonante desde o início até o seu final. Conta estórias de diversos personagens com uma linguagem simples e de fácil entendimento; além de conter um glossário no final do livro para dirimir eventuais dúvidas sobre algumas palavras, **às vezes gírias ou dialetos**, que estejam incluídos neste conteúdo.

É uma obra que vai fazer o leitor rir, pensar, desestressar, raciocinar, se emocionar, ou seja, passar o tempo degustando de prosas que poderiam ter acontecido no cotidiano das pessoas e que vai, a cada estória lida, dar vontade de ler o teor do livro como um todo.

Este volume conta estórias de seres normais que vão de animais a simples trabalhadores, músicos, motoristas, médicos, pacientes, políticos, esportistas, burocratas, nobres, reis, peregrinos, filósofos, paqueradores, bisbilhoteiros, cristãos... Enfim, personagens que fazem parte de uma pequena viagem ao mundo do real – imaginário que vai atrair a atenção do leitor neste livro de extrema riqueza e sabedoria.

Um grande abraço a todos.

Dedicado a Pedrito e Joanita (*in memoriam*), dona Janoca, Rosangela, Vitória, Cecília, a todos os meus familiares e amigos e a Deus nosso líder maior.

SUMÁRIO

- O Copão, **11**
- O Trabalho e os Escravos, **13**
- O Vigia, **14**
- A Bala, **17**
- O Caminhão, **19**
- A Cantada, **20**
- O Cristão, **22**
- O Pé Esquerdo, **24**
- O Grilo e o Sapo, **26**
- O Torcedor, **29**
- A Defesaça, **32**
- O Uísque, **34**
- Alemão, **36**
- O Treinador Exemplar, **38**
- O Tributo, **40**
- O Latifúndio, **43**
- As Bandas, **45**

O Teste Emborcado,	46
O Desacordo,	48
O Coco,	51
Um Estranho no Ninho,	53
O Treinador e o time pipoqueiro,	55
A Discussão,	58
A Urina,	59
O Julgamento,	61
A Jabá,	63
A Mudança,	66
A Injeção,	71
O Retorno do Som,	73
A Inflação,	76
Meio Voto,	78
A Barraca,	81
GLOSSÁRIO,	85



O Copão

Certa vez um rapaz se aproximou de um banco da praça de uma cidade, a fim de namorar uma moça aonde a senhorita já estava sentada. Aí então com a permissão dela; ele sentou, pensou, refletiu e mandou a deixa:

— Olá, tudo bem?

E a mulher, desconfiada, respondeu:

— Tudo bem.

Aí ele deu mais um tempo e falou:

— Ei, e aí?

E a moça olhou e dirigiu-se a ele.

— E aí o quê?

Então ele perguntou:

— Você gosta de suco de laranja?

E a garota respondeu:

— Gosto, por que?

Aí ele mandou brasa:

— Porque também gosto, eu tomo cada copão do cabrunco.

Passado algum tempo e já tendo uma afinidade (pelo menos no suco), os dois começaram a namorar e posteriormente contraíram o matrimônio.



O Trabalho e os Escravos

Certa vez um parlamentar, candidato à reeleição, foi pedir votos em uma empresa industrial que pertencia a uma família que era muito amiga do político. O nobre parlamentar que era muito bom no discurso aproveitou o ensejo, ou melhor, a aglomeração, e desandou a falar:

— Meus amigos e minhas amigas...

(Até aí tudo bem) aproveitando que era uma empresa emendou:

— Meus colegas de trabalho.

(O pessoal já olhou para ele desconfiado, colegas de trabalho era jargão do programa Silvio Santos).

— Para mim é uma grande honra estar no meio de pessoas honestas, trabalhadoras e profissionais do bem...

E assim foi falando até que o discurso começou a cansar a plateia. Daí a pouco o nobre parlamentar fala:

— Concluindo as minhas palavras quero dizer que o trabalho dignifica o homem.

Bem, depois de uma dessa alguém na plateia aproveitou a deixa e disse.

— Doutor, péra aí com essa afirmação, se o trabalho dignificasse o homem os escravos seriam os homens mais dignos do mundo.

Em seguida a turma caiu na gargalhada e o candidato achou por bem dar por encerrado o discurso.

O Vigia

Era uma vez, um vigilante que se chamava Rango. Porque ele sempre dizia “e aí véio, tá de rango?”. E havia uma música que quando tocava ou alguém cantava, ou assobiava perto dele, ele azedava. Uma parte da letra da música era “quando o galo canta o macaco assobia, tica de jegue no clube vigia”; e assim, na base da brincadeira, partia para cima de quem cantasse ou assobiasse a cantiga.

Ele se considerava o melhor dos vigilantes no canteiro de obras; dizia que fiscalizava tudo, olhava o movimento, testava os equipamentos, não deixava passar nada, era alegre com todo mundo, todos gostavam dele e não dormia no ponto.

Entretanto, um dia, o vigilante, que disse que não dormia e observava tudo, cochilou e a bandidagem entrou no canteiro de obras e levou boa parte dos materiais de construção. Colheres de pedreiro, enxadecas, picaretas, cimentos, tubos e conexões e por aí vai... Desse modo, assim que ele acordou os trabalhadores já estavam chegando, e quando foram buscar os instrumentos de trabalho boa parte havia sido levada. Foi quando um dos pedreiros assustado exclamou:

— E aí Rango, cadê o nosso material de trabalho?

Rango coçou a cabeça sem acreditar no que estava acontecendo. Outro servente perguntou:

— Cadê a minha picareta?

E o outro:

— Aonde está o meu enxadeco?

E Rango calado de cabeça baixa sem saber o que dizer; também, outro funcionário disse:

— E aí Rango, fala alguma coisa, o que se passou por aqui? Se você não disser, você vai ximbar.

Então, Rango respirou fundo e exclamou:

— E aí véio, cês sabem, né? Eu não durmo, estava tudo aí ontem, né? Agora não está mais, sei não o que aconteceu, eu acho que foi a malandragem da colina. Aquela molecada é fogo.

Naquele dia os operários não trabalharam. Apesar disso, no final, os engenheiros (donos da empreiteira) compraram os aparelhos para repor o estoque que fora roubado e como o vigia era muito querido pelos colegas não foi demitido do emprego.





Signature

A Bala

Certa vez um senhor foi vítima de uma arma de fogo em um assalto em que o próprio não reagiu e, no nervosismo da ação, por causa da pressa, um dos assaltantes acabou disparando um tiro no cidadão. O bom homem foi levado às pressas para o pronto-socorro do hospital, visto que a bala passou perto dos pulmões. A vítima estava em sã consciência de tudo que se passava apesar de estar perdendo sangue.

Decorrido algum tempo, o paciente deu entrada no hospital e foi levado à mesa cirúrgica, onde uma equipe médica já o estava aguardando. Após os procedimentos iniciais, o bom cirurgião perguntou se ele tinha alergia a alguma coisa porque precisava aplicar a medicação. Então o paciente de pronto respondeu:

— Tenho alergia sim, doutor.

E o médico arregalou os olhos e perguntou:

— Que tipo de alergia você tem amigo?

O paciente replicou:

— Tenho alergia à bala de revólver.

Na hora toda a equipe médica deu risada e posteriormente a cirurgia foi realizada com grande sucesso. Dias depois o paciente recebeu alta e foi para casa fora de perigo.



O Caminhão

Certa vez as montadoras de automóveis começaram a construir grandes carros, dentre eles o caminhão, e alguns desses veículos começaram a chegar pelo interior do país. Em uma localidade havia um cidadão que possuía algumas posses patrimoniais, e sem perder tempo, tratou logo de comprar o grande carro. Assim, ele passou a circular pela região com o novo veículo e foi aquela novidade.

Pelas idas e vindas, um grupo de pessoas que nunca tinha visto um caminhão antes resolveu ir para a beira da estrada esperar que a novidade passasse por lá. As estradas não eram asfaltadas, e no verão quando os carros passavam levantavam aquele pueril da disgrama.

Depois de algum tempo de espera surgiu no horizonte algo que andava bem rápido, e com a poeira que levantava, descendo a serra, parecia que vinha derrubando tudo. Foi aí que um dos presentes avistou e disse bem alto:

— Lá vem o caminhano.

Um outro que também estava na espera foi e alertou:

— Caminhano uma peste, é mió sair logo da estrada que esse aí vem é voano.

E o caminhão passou por eles tão rápido que cobriu todos de poeira.

A Cantada

Certa vez, na cidade de Londres, no início do século XX, em uma festa glamurosa, belíssimos convidados e convidadas da elite europeia, uma socialite jovem, nobre, bonita, rica, bem-feita de corpo, de extrema elegância e demasiadamente vaidosa, se aproximou de um famoso romancista e dramaturgo irlandês e disse:

— Mister, tenho uma proposta para te fazer.

O filósofo então disse:

— Pois não?

E emendou a socialite:

— Eu estava pensando em te fazer uma proposta.

O senhor com toda a sua cordialidade pergunta:

— E qual é a proposta, *my lady*?

A nobre continua:

— Imagine se nós tivéssemos um filho com a minha beleza, com o meu corpo e com a sua inteligência, não seria legal?

De pronto o bretão respondeu:

— Não, não seria legal.

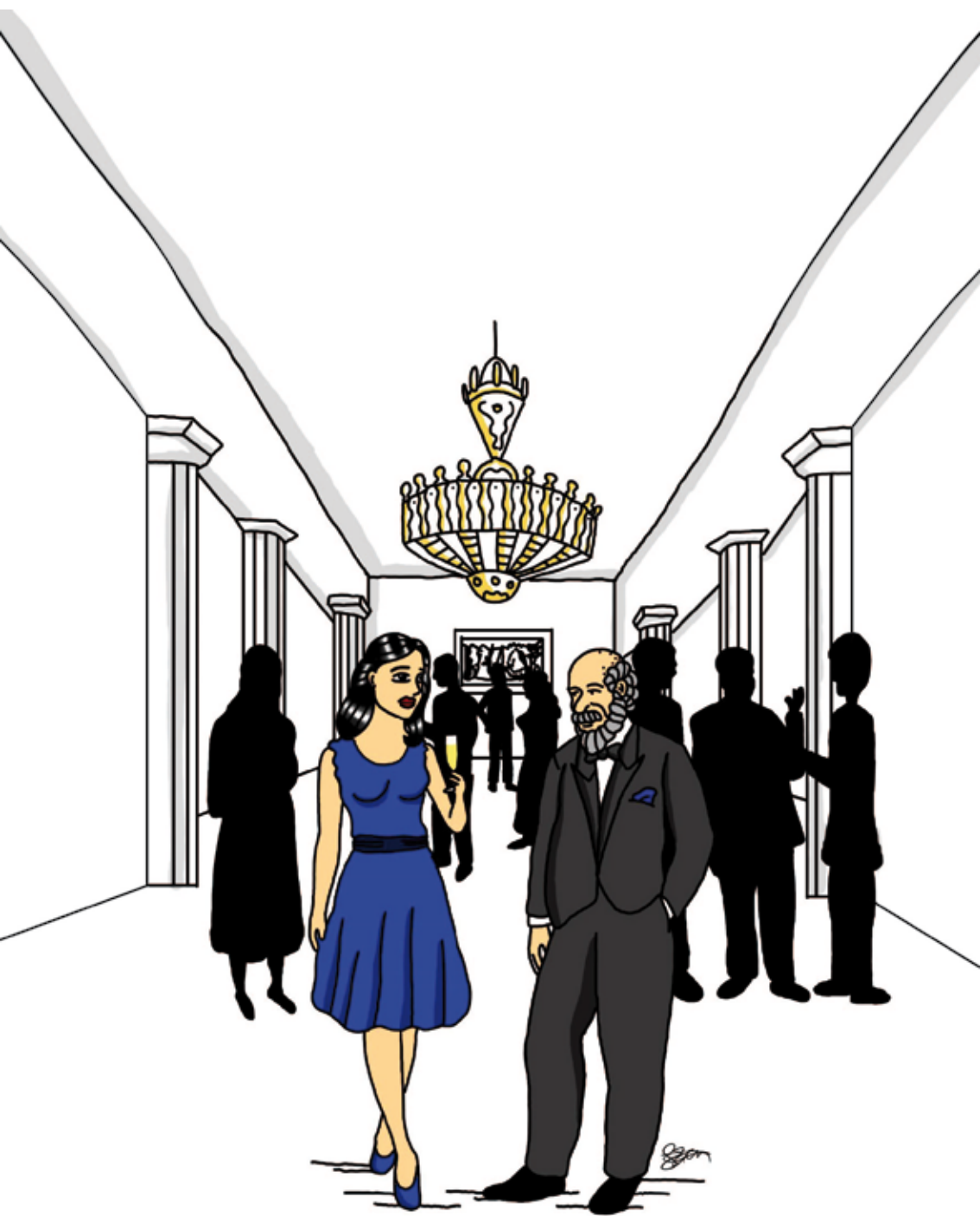
A mulher que não esperava tal resposta tomou um susto e quase derrubou a taça de champanhe.

— Porque não?

Indagou ela aflita. E o mister concluiu:

— Não seria legal porque: imagine se ao contrário o nosso filho nascesse com a minha beleza, com o meu corpo e com a sua inteligência?

Depois da resposta, a mulher se retirou e não procurou mais o contista.



O Cristão

Certa vez um cristão foi pregar no reino árabe. Parava em algum lugar onde houvesse uma multidão e começava a dizer:

— Somente através de Jesus Cristo é que vocês conseguirão chegar ao reino dos céus.

E insistia:

— Apenas por intermédio do filho de Deus, Cristo nosso Senhor, é que vocês chegarão ao paraíso.

E, assim, continuava pregando até que um dia o sultão do reino foi avisado que havia um peregrino pregando dogmas diferentes do que era praticado na região, visto que naquele território a religião praticada era a muçulmana, e qualquer um que pregasse uma religião diferente do islã deveria pagar com a própria vida. Desse modo, o cristão foi denunciado e levado preso, e após o julgamento foi sentenciado à morte em uma caldeira de óleo fervente.

Ato contínuo no dia da pena assim o fizeram. Na presença do rei Jogaram o peregrino na caldeira e quando o cristão caiu no óleo fervente ele começou a gritar:

— Ai, ai, ai, está fria, está muito fria, fria demais.

O rei árabe achando que era verdade já ia castigar os guardas quando resolveu testar a temperatura. Pôs as mãos no óleo fervente e praticamente logo em seguida as retirou urrando com muita dor. Boa parte da pele das mãos do monarca ficaram totalmente queimadas. Quanto ao cristão, nin-

guém, ou nenhum ser ou corpo humano, aguentaria uma dose daquelas. Posteriormente o cristão passou a ser conhecido como Santo Mauro.



O Pé Esquerdo

Conta-se que há muitos anos atrás um candidato jovem se elegeu governador de um estado da região centro-sul do país. O pai do jovem também fora governador do estado, mas já havia falecido. O jovem governador vinha de uma família tradicional da política, e ainda por estar começando o mandato ouvia atentamente os conselheiros políticos mais próximos. A mãe do governador, que já era uma mulher de idade, religiosa e supersticiosa, logo na primeira oportunidade disse:

— Meu filho, faça sempre como o seu pai fazia, sempre entre no palácio do governo primeiro com o pé direito.

Desse modo, o novo governador assim fazia; olhava para o chão e antes de pisar no tapete, primeiro colocava o pé direito para depois adentrar ao recinto.

Foi aí que logo no início do mandato, após marcar uma audiência, um dos seus apoiadores, que detinha um grande poder político e econômico, chegou para ele e disse:

— Governador, tudo bem?

Respondeu o governador:

— Tudo bem, o que o traz aqui, nobre senhor?

— Pois é, governador, o senhor sabe que eu dei o maior apoio para que Vossa Excelência fosse eleito, sentasse nessa cadeira e assim ocorreu. Tanto é que estamos aqui conversando. O meu desejo é que o meu sobrinho, que o senhor conhece muito bem, seja nomeado como seu secretário de Estado.

O governador ouviu, engoliu, refletiu, olhou e respondeu:

— Pois é... eu quero ajudar... mas... é que os cargos de secretários já foram todos preenchidos e não há mais vagas.

O nobre senhor olhou para ele, encarou, apontou, abriu os olhos e disse:

— Olhe, você não pense que está lhe dando com menino não, viu? Não fique aí trevaliando, eu sou velho, mas não sou burro. Você quer começar o seu mandato já iniciando com o pé esquerdo?

O governador arregalou os olhos, ouviu resabiado, refletiu mais uma vez, e uma semana depois o sobrinho do homem já era secretário de Estado.



O Grilo e o sapo

Era a estação da primavera, mas parecia inverno em uma noite de outubro de chuva fina, quando um grilo capturava e engolia os mosquitos que circulavam as lâmpadas e depois caíam no chão. E assim, vinha o grilo se alimentando naquela mais absoluta tranquilidade; estava ele se distraindo e enchendo o papo quando de repente contorna o oitão da casa e dá de cara com um sapo do tamanho cururu. Diante disso, o grilo parou e ambos ficaram estáticos e se encarando a poucos centímetros de distância. Passaram-se uns alguns segundos e o grilo e o anuro continuavam se encarando e assim ficaram por um tempo.

Neste momento prezado leitor e prezada leitora, façamos uma pausa para que uma análise seja feita sobre tal acontecimento porque temos um caso de uma presa (o grilo) e de um predador (o sapo). E, de acordo com a teoria dos jogos, há uma disputa. Disputa essa onde nós veremos as possibilidades do grilo (pelo lado da presa) e as possibilidades do sapo (pelo lado do predador).

As possibilidades do grilo pelo lado da presa:

- 1 - O grilo poderia ficar parado e esperar o bote do sapo.
- 2 - Poderia se antecipar e sair antes do bote do sapo.
- 3 - Poderia ficar parado e esperar que o sapo fosse embora.

Para o grilo existiriam as chances de morrer ou de sobreviver.

Agora, vejamos as possibilidades do sapo (pelo lado do predador).

- 1 - Poderia simplesmente ir embora e abandonar o grilo.
- 2 - Poderia esperar que o grilo saísse, desse o bote e o pegasse.
- 3 - Poderia esperar que o grilo ficasse, desse o bote e o pegasse.
- 4 - Poderia esperar que o grilo saísse, desse o bote e errasse o alvo.
- 5 - Poderia esperar que o grilo ficasse, desse o bote e errasse o alvo.

Para o sapo havia as chances de pegar mais um grilo ou não pegar.

Voltando à cena anterior, o grilo e o sapo, presa e predador, continuavam estáticos e se encarando. Os segundos passando, depois os minutos passando, o clima, apesar de frio, entre os dois estava esquentando. Parecia uma final de bang bang onde quem saca mais rápido ganha a peleja.

Foi quando, de súbito, o sapo dá o bote certo. Parecendo uma flecha, lança a língua para fora em uma velocidade elástica incrível na direção da presa (cientistas afirmam que esta ação é mais rápida do que a piscada dos olhos de um ser humano), foi quando então o grilo, astuto, esperou o bote e antes que o sapo o atingisse, com extrema agilidade foi para o lado direito e conseguiu escapar do sapo. Fatalmente, se o grilo saísse antes do bote, com certeza, teria sido apanhado pelo predador.





O Torcedor

Certa feita, o filho de um treinador de futebol era torcedor do mesmo time que o pai treinava. Uma vez ele foi assistir ao jogo, onde o time dele era o mandante, nas arquibancadas, junto com os demais torcedores. Lá pelos 20 minutos de jogo transcorridos no segundo tempo, de repente, um dos torcedores, já não resistindo mais ao placar de 0x0, começou a gritar:

— Esse treinador é burro, é por isso que o time não joga.

O treinador da equipe era bom e já havia conquistado vários títulos por este clube, mas o time atual deixava a desejar.

Desse modo o torcedor cismou, como não é diferente, com o treinador de plantão. O jogo segue e daqui a pouco é lançada uma bola na grande área do time da casa e o zagueiro, sozinho, em vez de matar a bola e sair jogando, dá um bicão para a frente e a pelota vai para a lateral. Mais uma vez o torcedor impaciente se levanta e começa a dizer:

— Treinador burro, esse chutão aí do zagueiro, a culpa é do treinador.

E o filho do treinador aguentando apulso, mas, fazer o quê? Futebol é assim, se não sai gol é xingamento para lá, é xingamento para cá, para tudo quanto é canto. E o jogo prosse-

gue. Aos 36 minutos da etapa complementar, no meio-campo o segundo volante passa a bola errada, arma um contra-ataque e quase sai o gol da equipe adversária. E lá vai o torcedor que não perdoa:

— Treinador fi do cabrunco burro, peça pra sair, vá embora, pelo amor de Deus.

E o jovem filho continuava calado, nervoso, respirando fundo, roendo as unhas, fazer o quê? E o tempo foi passando, e a bola não entrava; até que aos 47 minutos do segundo tempo, no último lance da partida, em uma jogada ensaiada, o armador toca na linha de fundo, o lateral avança e faz o cruzamento da bola na cabeça do atacante e este remete certo para o gol. E a torcida junto com o torcedor, é claro, gritam "gooooooooooooool..." e o torcedor na maior alegria:

— É isso aí, é gol, é gol. Esse é meu time...

E beija a camisa e tira a camisa e sacode para cima; naquela euforia danada. E o filho do treinador comemorando também, mas de olho no cabra ao lado. Foi quando o juiz apitou o fim do jogo e todos comemoraram o resultado da partida.

Já com a vitória garantida, o filho do treinador foi tirar satisfação com o torcedor e abriu o verbo:

— E aí, gostou? Está bom assim pra você? Diga agora quem é burro, meu pai é o treinador, diga de novo que ele é burro.

O torcedor arregalou os olhos sem esperar por essa e exclamou!

— O quê, burro!? Esse é o melhor treinador do mundo, rapaz, já foi campeão com o nosso time. Num esquete não, rapaz, ali é porque eu estava nervoso com o resultado. Seu pai é o melhor treinador que esse time já teve, não é não, galera?

Falou enquanto se virava para outros torcedores que iam passando e nem sabiam do que se tratava. Assim, vendo que o clima não estava para peixe, o torcedor de mansinho começou a sair do estádio, sempre acompanhado pelos olhos atentos do filho do treinador.

A Defesaça

Era uma vez um time do nordeste da 3ª divisão do campeonato nacional que foi jogar com uma equipe do sul do país na casa do adversário. No decorrer do jogo e já nos acréscimos do segundo tempo, ainda no OxD, o locutor narrava a partida:

— Toca a bola pelo meio de campo o camisa 5 do time do Sul, passa a pelota para o meia-esquerda, que abre agora para o centroavante na grande área, este sabe chutar, chuta bem, bate rasteiro no goool, quase entraaaa... o goleiro do time nordestino opera um milagre; espalmou na ponta dos dedos e a bola passa tirando tinta da trave. O goleirão faz uma defesaça e evita o gol que fatalmente iria declarar a derrota da sua equipe.

Após o apito final do juiz, o repórter de campo vai até o goleirão e faz a entrevista.

— Que defesaça aquela ein, goleiro? Quase que o jogo termina com a vitória do time do sul. Você foi o grande herói da partida, o que tem a dizer para os nossos ouvintes a respeito daquele lance?

Sem esconder a alegria e bastante descontraído por ter feito um excelente jogo, o goleiro relata:

— É, rapaz, jogamos com muita garra, com muita humildade, com muita vontade, e saímos daqui com um empate, e isso é fruto de muito treinamento e também do trabalho do professor. Ele me ensina muito e naquela bola eu dei um surrupio nela, e ela passou relano na trave e graças a Deus foi pra fora.

O repórter de campo, não entendendo bem o que o goleiro quis dizer com surrupio e relano, volta para o locutor e diz:
— Você entendeu o que ele quis dizer no final não foi, Alfredo?
E o narrador replica:
— É... Deve ser o linguajar deles lá no nordeste pra dizer que a bola passou perto da trave, né? Barbaridadêê tchê.



O Uísque

Certa vez, um vereador chegou a um quiosque da praça onde morava. Estava com raiva porque não tinha conseguido naquele dia resolver algumas pendências dos seus eleitores; ou demandas que a política exige. Estava cismado com um secretário que marcou uma audiência, teve a conversa, mas não solucionou o problema.

Já era final de tarde e cansado por ter rodado o dia todo e não ter sido atendido em seus pleitos, resolveu tomar umas para desestressar. Assim, chegou para o dono do bar e disse:

— Joselino, bote uma dose do melhor uísque que você tiver aí pra mim.

O barman serve a bebida e aí o edil já degustando a dose pergunta:

— Quanto é, Joselino?

E o dono do bar aproveita para tirar uma lasca do vereador.

— É só 20 conto.

O vereador surpreso com a resposta quase coloca o uísque para fora.

— Êta uísque caro do cabrunco, Joselino, ói, vou tomar duas; aqui tem 30 e já tá bom demais pra você, deixa aí que eu bebo já a outra dose.

No mesmo instante, já presenciando o pedido, se aproxima do vereador um cidadão que era conhecido como Zezo e que também costumava tomar umas; mais precisamente cachaça limpa do tipo marmeleiro, babatanã ou casca de pau que custava uma média de cinquenta centavos a dose. E Zezo diz:

– Meu vereador, que satisfação, vereador que anda no meio do povo, trabalhador. Tá tomando uma?

Perguntou Zezo já ximando e lambendo os beiços. O vereador sabendo que Zezo gostava de tomar uma dose avisa a Joselino para colocar uma para ele. E Joselino pergunta de propósito:

– A de sempre, Zezo?

E Zezo responde.

– Hoje não, hoje eu vou beber o que o meu vereador está bebendo, bote um uísque também pra mim.

O vereador arregalou os olhos e pensou:

“Esse cara não votou em mim, só bebe cachaça limpa e agora vem beber do meu uísque importado, é de arrambar”.

Já precavido para não cair de novo na de Joselino, o edil diz:

– Joselino, já fui, viu? Feche a conta, fui.

Posteriormente, o vereador entrou no carro e se dirigiu para a sua casa.



Alemão

Nos meados do século XX, em uma Assembleia Legislativa, havia um deputado de semblante muito sério, sisudo, pouco sorriso, chapéu na cabeça e quase não se pronunciava na tribuna. Na hora das votações ficava sempre sentado, ou seja, era o código para quem só votava nos projetos do governo. E assim os ritos sumários da casa se encaminhavam de modo normal, sem quebrar a rotina do cotidiano.

Entretanto, um belo dia, enquanto o presidente distribuía os trabalhos finais e já ia dando a sessão por encerrada, de supetão, o nobre deputado bateu a mão na mesa e bradou:

— Senhor presidente, quero um aparte.

O presidente assim concedeu.

— Que fique registrado nos anais da casa que amanhã eu vou falar em alemão, é só isso que eu tenho a dizer.

Todos ficaram encafifados, afinal, o deputado não costumava falar. Os parlamentares começaram a murmurar entre si.

— O colega coronel vai falar em alemão, mas ele só sabe falar português, nunca o vi falando em outra língua.

A imprensa local também noticiou no horário das oito que em rápido pronunciamento o deputado coronel disse que na próxima sessão iria falar em alemão.

No outro dia vai o presidente mais uma vez encerrar a sessão quando antes do feito passa a palavra para o deputado, o deputado com passadas firmes vai até a tribuna, ajeita o microfone, com todo mundo aguardando, então ele inicia:

– Na sessão passada eu disse que ia falar em alemão, vou cumprir a minha palavra, sempre cumpro o que digo.

O deputado ajustou os óculos, respirou fundo, estufou o peito e começou:

– Quero dizer a todos vocês que Alemão é um menino bom. Alemão nunca fez mal a ninguém, dizer que Alemão é cabra ruim é uma mentira deslavada. Dizer que Alemão fez serviços ruins é uma calúnia, Alemão nunca trabalhou assim, isso é intriga da oposição, Alemão não é nenhum jagunço como estão dizendo. Alemão é trabalhador, e dos bons, pega pesado no trabalho. Nunca soube que alguém teve problemas com ele, nunca houve quem reclamasse dele, e é só isso que tenho a dizer e ponto final.

Logo após a fala, em alto e bom som, o presidente encerrou a sessão.



O Treinador Exemplar

Em um certo clube, da última divisão do campeonato nacional, havia um treinador de futebol que era um exemplo de profissional, chegava cedo para passar o treino, conversava com a comissão técnica e funcionários, era educado com eles, dava bom dia, cumprimentava os funcionários da mais alta graduação até o roupeiro do clube; dialogava com dirigentes e jogadores, prestava esclarecimentos à imprensa esportiva, acenava e distribuía autógrafos aos torcedores, enfim, era um *gentleman* em termos de pessoa.

Por outro lado, havia o treinador da base, de nome Juru, que gostava de xingar os jogadores quando estes erravam os passes ou lançamentos nos treinos da molecada. Gostava de farrear com os cartolas e costumava não passar boa impressão em sua forma de se apresentar.

Certo dia, o treinador exemplar vai chegando ao CT (centro de treinamento) da equipe, e lá está Juru dirigindo o treino da base com a bermuda arriada, mostrando o rego da bunda, camisa desabotoada, com a barriga para fora, barba por fazer, de sandálias saindo dos pés. Além disso, com um copo de bebida na mão direita e uma garrafa de vodca na mão esquerda; e gesticulava para os jogadores, mostrando posicionamento, como chutar a bola, cobrança de escanteio, todos os gestos com os pés sem se desgarrar do copo e da garrafa

de bebida. Foi quando Juru viu o professor se aproximando e aí foi que ele quis aparecer e gesticular de vez com aquela pose toda. Passados alguns minutos, o treino acaba e Juru chega para o treinador e diz:

— Gostou do treino, professor?

Antes que o técnico dissesse algo, ele foi emendando:

— Ói, eu me inspirei no senhor, viu? Tudo que eu falo, tudo o que eu passo eu aprendi com o senhor.

Então o treinador balança a cabeça negativamente e diz.

— Aprendeu comigo não, Juru, sai dessa, você já me viu treinar um time assim? Comigo não.

Depois de alguns minutos o treino da base acabou e começou o treinamento da equipe principal.



O Tributo

Certa vez, um senhor foi pagar um imposto em uma repartição fiscal. Após o fiscal passar o valor do tributo para ele, este questionou:

— Tudo isso? Ahh, assim não tem condições. Assim é para fechar a loja, desse jeito não dá para trabalhar.

Ato contínuo, pagou o documento de arrecadação e foi embora do local.

No mês seguinte, mais uma vez estava o mesmo senhor no órgão de recolhimento e, ao pegar o boleto, novamente esbravejou:

— Desse jeito vou ter que fechar a empresa, vou ter que demitir pessoal, não tem condições...

E mais uma vez pagou o valor e saiu reclamando. Após o senhor se afastar, uma outra pessoa que aguardava na fila de espera foi chamada para o atendimento e retrucou com o fiscal:

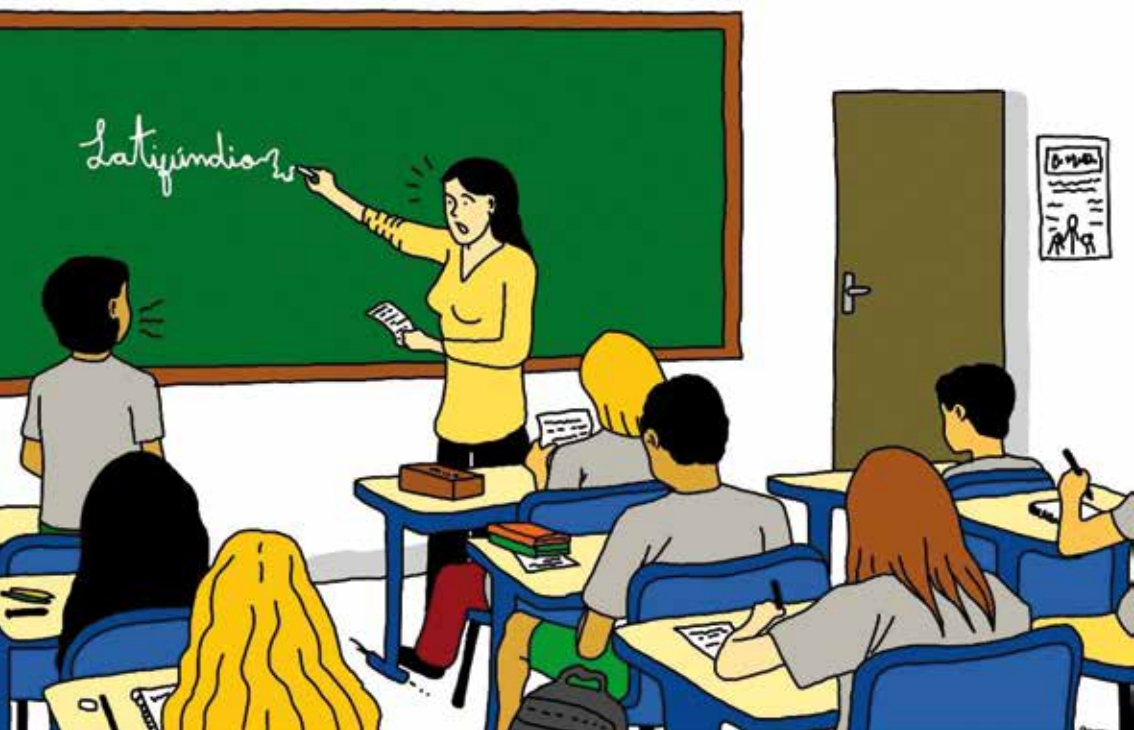
— Olha, você não viu este senhor com esta reclamação toda?

E o fiscal:

— Vi, por quê?

— Porquê!? Porque esse aí é o empregado da empresa e ele está reclamando assim, imagina se ele fosse o dono do estabelecimento?





O Latifúndio

Certa vez, uma professora na sala de aula perguntou aos alunos o que eles entendiam por latifúndio. De pronto, um deles falou:

— Eu sei, professora.

Exclamou ela.

— Pode falar, Juninho.

— Latifúndios são grandes extensões de terras não cultiváveis.

A professora ouviu atenta a resposta e deu os parabéns para ele. Em seguida ela iria prosseguir a aula com outro assunto quando um dos alunos, que vinha de um assentamento rural retrucou:

— Professora, eu também tenho uma resposta.

Bem solícita a professora respondeu:

— Pode falar, Henrique.

E o estudante mandou brasa:

— Latifúndios são grandes propriedades de terras não cultiváveis, portanto improdutivas, que devem ser desapropriadas para fins de reforma agrária e assentamento geral do homem no campo.

Após a resposta, a professora ficou boquiaberta, arregalou os olhos e mudou a aula para outro assunto.



As Bandas

Certa vez, um empresário de shows musicais foi vender a programação de suas bandas a um produtor musical. E assim chegando desandou a falar:

— Olha, eu tenho duas bandas que são top, são boas mesmo, tocam de tudo: axé, forró, sertanejo, rock, arrocha, sofrência, o que você pensar.

E o produtor, que já havia recebido vários outros empresários, só ouvindo atentamente as palavras. Daí a pouco, um assistente do produtor que escutava a conversa desde o início, e vendo que o empresário insistia e não ia parar de falar para vender os shows das bandas, foi e disse:

— É... nesse caso duas bandas são igual a uma bunda.

Os outros que estavam na sala ouvindo a conversa caíram na gargalhada. Foi quando o empresário já com raiva falou:

— Eu não gosto de conversar na frente de quem não entende nada de música; dizer que minhas duas bandas são igual a uma bunda é levar tudo na brincadeira.

Posteriormente, o produtor musical acabou contratando pelo menos uma das bandas oferecidas para contemplar o empresário.

O Teste Emborcado

Certa vez, um nordestino, ainda jovem, bem humilde, simples, foi morar em uma capital do sul do país. Estudou, graduou-se, fez mestrado, doutorado, fez PHD fora do país e depois voltou para ensinar na universidade que havia se formado.

Após um certo tempo ensinando, já bem letrado, falando idiomas, intelectual de primeira linha, o cargo subiu à cabeça, deixou a humildade de lado e não admitia erros ortográficos nem que alguém falasse um verbo que não estivesse em consonância com a gramática. Se era para dizer que almoçou uma galinha de capoeira, ele dizia:

— Hoje eu saboreei um delicioso bípede emplumado.

E os alunos, além de acharem ele bossal, ainda consideravam o fato dele ter o título de pós-doutorado e de ninguém saber qual era a sua origem verdadeira, que ele, por alguma razão, costumava esconder muito bem.

Contudo, na sala de aula também havia um aluno nordestino, que de vez em quando desconfiava de algumas palavras proferidas pelo ilustre professor. E assim, passado algum tempo da disciplina, o honorável mestre marca o dia da prova (e aí dia de teste sabe como é, há professores que não gostam de conversar com os alunos e esse era um deles, só falava o suficiente), e assim ele entregou as provas de um por um e avisou que só poderiam começar a responder o teste quando ele desse permissão.

Após entregar o teste a todos ele deu o sinal:

— Agora já podem desemborcar o teste.

E o alunato começou:

— É o que, fessôr?

E o outro também:

— Como é, fessôr?

Vendo a exclamação de todos, o aluno nordestino respondeu:

— O professor disse que já podemos virar a folha do teste.

Assim os estudantes começaram a responder a prova. E o doutor sacou a jogada do aluno nordestino, se recompôs e começou a pigarrear pela sala com ar de superior.



O Desacordo

Certa vez, um governador candidato a reeleição viu que a situação não era boa para vencer a disputa e, para ganhá-la, foi aconselhado que a possibilidade da vitória seria rachar o grupo adversário. Resolveu fazer uma investida e chamou um líder aliado do grupo da oposição para que o grupo adversário ficasse enfraquecido. Foram discutidos vários assuntos, entre eles uma ajuda para a eleição da campanha do candidato dissidente. E assim, após as convenções foram registradas três candidaturas ao cargo de governador; uma pela situação indo para a reeleição e as outras duas campanhas pela oposição tudo como combinado antes.



Durante o transcorrer da campanha os dois candidatos da oposição começaram a se engalfinhar, era porrada a três por quatro, e os xingamentos ficam por conta da imaginação de vocês; assim, o candidato à reeleição que começou a campanha desgastado foi melhorando a sua imagem perante o eleitorado e resolveu encomendar uma pesquisa para saber a sua real situação.

Quando recebeu o resultado da pesquisa o governador viu que estava disparado na frente. Foi quando, faltando duas semanas para o dia da eleição, o grupo de oposição que fez o acordo com o governador resolveu cobrar o apoio para a campanha que fora acertado antes. Foi quando o governador e candidato chegou e disse:

— Vocês já viram o resultado das pesquisas?

Os presentes se entreolharam e o candidato dissidente respondeu:

— Não e daí?

— Veja.

Retrucou o governador. O outro candidato viu o resultado e já azedo de raiva vendo que o acordo não ia dar certo fitou os olhos no governador. E o governador continuou:

— Preciso de vocês mais não. Vou ganhar esta eleição.

O grupo do candidato adversário só não xingou o governador de santo, o resto, meus queridos leitores e leitoras, fica a critério de vocês.

Não tendo outra opção, o candidato dissidente procurou o adversário da oposição e marcaram uma conversa para os dois grupos se juntarem. A união foi feita e assim depois de apagar as arestas entre os partícipes, conseguiram juntar os grupos de oposição e até a sexta feira da eleição a vitória do governo era dada como certa. Mas, no domingo à noite, após a apuração das urnas o outro candidato da oposição conseguiu virar e venceu as eleições caindo por terra a reeleição do governador.



O Coco

Um dia, um repórter perguntou a um presidente militar brasileiro o que ele faria se ganhasse um salário mínimo por mês. A resposta foi direta:

– O que eu faria se ganhasse um salário mínimo por mês; ué, dava um tiro no coco.

Com uma resposta dessas, é claro que o jornalista não ia dormir no ponto e a notícia se espalhou em rede nacional. E aí, meus amigos leitores, minhas amigas leitoras, vocês sabem como é. A notícia anda. Contada de um jeito aqui, contada de outro jeito acolá. Cada um contando do seu jeito até chegar ao consumidor final.

Senhor Bertonaldo, também chamado por seu Bertinho, era um homem com mais de setenta anos de idade, já beirando os oitenta, morava em um povoado de uma pequena cidade no interior do Nordeste. Era viúvo, morava só, seus filhos já haviam saído de casa, e em sua casa não havia energia elétrica, portanto não assistia televisão e rádio era só para ouvir as suas musiquinhas preferidas. E na maioria das vezes ficava sabendo das notícias quando o vendedor de pães (o Zé ligeiro) ia entregar o pão na sua casa.

Em uma destas ocasiões o Zé disse:

- Seu Bertinho.
- Oi, home, tudo bem?
- Aqui está o seu pão.
- Opa, aqui está o seu dinheiro.

— Obrigado

— Não há de quê.

E antes de Zé montar na bicicleta falou:

— Seu Bertinho, antes que eu me esqueça, tenho um negócio para contar ao senhor.

— Pode falar, home.

— Deu na televisão que o presidente falou que quem ganha o salário e tem pé de coqueiro no sítio, ele vai mandar as forças armadas derrubar tudinho. Eu sei que o senhor tem um coqueiral plantado aí há muitos anos e que o senhor gosta muito dele, se prepare porque eu acho que eles vão vir aqui derrubar. Até mais ver.

Como seu Bertinho era aposentado e ganhava um salário mínimo por mês e possuía coqueiros no seu sítio, ele viu que a única coisa a fazer era defender os coqueiros que ele tanto gostava. Assim, naquele dia ele armou a espingarda, embaiou o facão, amolou a peixeira e uma foice, ou seja, se armou todo. E esperou por quase duas semanas que alguém do governo viesse derrubar os coqueiros. É claro que até hoje ninguém das forças armadas apareceu e seu Bertinho, até os seus últimos dias de vida, bebeu da água de coco provinda dos seus queridos coqueiros.

Um Estranho no Ninho

Certa vez, havia um casal em que a mulher resolveu entrar para uma igreja evangélica. A mulher começou a frequentar e a gostar dos cultos de modo que ficou frequentadora assídua da congregação. Depois de um certo tempo ela começou a chamar o marido, de nome Jesse, para acompanhá-la também, ou seja, para fazer uma visita à igreja. O marido, era de pouca instrução educacional, mas não tinha papas na língua, o que viesse à cabeça ele falava. E após retrucar por várias vezes resolveu ir ao templo e ouvir as pregações do pastor. E a mulher dizia:

— Olha, esposo, o pastor prega bem e faz um louvor do sermão do Senhor muito bom.

E o marido sem dar o ar da graça. Sem muita vontade de ir, mas para atender ao pedido da mulher, o homem acabou indo ao culto. Depois de passar algum tempo ouvindo o sermão do pastor que era bom e bastante devotado dos fiéis da igreja, o marido já estava impaciente. E a coisa esquentou de vez quando o bom pastor disse:

— Quem estiver aqui pela primeira vez na igreja venha até a frente do altar receber as bênçãos do Senhor.

Jesse não queria ir, mas a mulher insistiu e ele foi lá para a frente. O pastor que era muito educado, então começou. Pôs a mão na cabeça dele e disse:

— Bem-vindo, irmão, a nossa casa que é a casa do Senhor. Glória a Deus Jesus, aleluia, glória a Deus.

Posteriormente, Jesse voltou para o lado da esposa onde o assento não era tão longe de onde o pastor estava pregando e foi dizendo:

– Muiér, vamo imhora, já tô aqui faz tempo.

E a mulher respondeu:

– Calma, amor, deixa o culto acabar, acaba já tenha paciência.

E quando Jesse já não aguentava mais, o pastor no final, para terminar o culto, disse:

– Agora vamos orar e fechar os olhos para ver Jesus Cristo.

Foi aí que Jesse não aguentou, se levantou e de praxe explodiu de vez:

– Que peste é isso? Eu já num tô vendo Jesus Cristo com os zóio aberto quanto mais com os zóio fechado.

É claro que todos os presentes olharam arregalados para ele. Depois de mais algum tempo o pastor encerrou o culto daquele dia e ambos voltaram para casa.



O Treinador e o time pipoqueiro

Uma vez um treinador de futebol saiu da capital do seu estado e foi treinar um time de futebol em outro estado da federação da 4ª divisão nacional. Chegando lá encontrou o time na zona de rebaixamento, desmotivado, alguns jogadores com salários atrasados, diretoria sem querer nada com a vida e vários outros problemas que começaram de cara a dar dor de cabeça ao excelente treinador recém contratado. Já durante os treinamentos, o treinador (que não costumava levar desaforos para casa) percebeu que as coisas seriam bem difíceis, porque a sua filosofia de trabalho ia de encontro a vida mansa que os jogadores e demais funcionários do clube estavam acostumados.

Os dias foram passando e já no primeiro jogo do treinador, fora de casa, o time perdeu por 2 X 0, para uma equipe de nível médio do campeonato. No dia seguinte, o atacante começou a se queixar de dores e foi junto com mais três colegas para o departamento médico. O preparador físico já acostumado à situação viu que nada poderia fazer e assim desfalcado para a próxima partida, que foi em casa, mais um outro jogo perdido justamente para um time que estava na lanterna do campeonato; confronto direto, 0 X 1. A situação se complicou porque a torcida também começou a pegar no pé. Mesmo mudando a forma de atuar o time não engrena-

va. Entre mais uma vitória em casa por 2 X 1, um empate em casa por 1 X 1 e mais outra derrota fora por 2 X 1 viria o jogo do domingo seguinte.

Naquele estado havia um outro time também na mesma divisão. Desse modo, chegou o dia do grande clássico. O jogo era para acontecer em um sábado, mas os diretores dos dois clubes mudaram o jogo para o domingo. E aí, geralmente, todo jogador que se preza quer disputar e se consagrar em um clássico. Mas nesta equipe a situação era inversa. Justamente naquele dia (no domingo) o goleiro do time havia marcado um churrasco com os amigos e chegou para o treinador se queixando de dores lombares. O treinador sabendo da manha do atleta, disse que ele jogaria com dores ou sem dores porque se tratava de um clássico. E assim foi feito.

Só que no dia da partida aconteceu o seguinte: com o time pronto em campo, aos cinco minutos de jogo, o adversário fez 1 X 0. Com dez minutos fez 2 X 0. Com vinte minutos, o zagueiro que fora convidado para o churrasco meteu a mão na bola na grande área, cometeu pênalti que foi convertido pelo atacante adversário, 3 X 0. O treinador sabendo que se a coisa continuasse daquele jeito iria levar mais de 10, resolveu entrar em ação e sacou o goleiro e o beque do jogo, para mandar um recado aos outros jogadores. Mas, antes de colocar o goleiro reserva e enquadrar os demais jogadores, o treinador chamou na chinha o goleiro titular.

– Olha, seu cabra safado, saia da minha frente, vá embora porque senão além de dores lombares, você vai ter: cabelo arrancado, pescoço entortado, costela quebrada, joelho torcido e o escambal a quatro.

O jogo terminou com o mesmo placar do primeiro tempo, 0 X 3; e o goleiro assustado sumiu do estádio. No outro dia, o treinador pediu demissão do clube.



A Discussão

Certa vez, havia um grupo de pessoas em um restaurante, quando de repente perceberam um cidadão discutindo com outro falando alto e em bom som:

– Você é uma cabra safado, rapaz, que nem eu. Você não é de nada não, você é igual a eu. Você é um desmoralizado, home, como eu. Você é um lascado igual a eu. Você é um arrombado de vida, que nem eu. Você vai falar o que? Diga agora alguma coisa ou vai ficar aí penteando macaco?

Bem, o outro cidadão ouvia e não podia dizer nada porque estava na mesma situação do agressor. E como não houve contra argumentação a discussão encerrou ali mesmo.



A Urina

Certa vez, em um ambiente de trabalho, um escritório, havia um funcionário de nome Adenor que costumava levar um suco caseiro dentro de uma garrafa descartável para beber durante o expediente de trabalho e guardava na geladeira. Passados alguns dias, percebeu que o conteúdo líquido sempre estava abaixo do volume que ele deixava.

Após chegar em casa e refletir sobre o assunto ele pensou em uma solução. Assim, no outro dia, ao chegar no emprego, pegou a garrafa, colocou o suco até determinado volume e complementou o resto urinando no recipiente e posteriormente colocou a embalagem na geladeira. Durante o expediente, o suplicante que sempre bebia do suco de Adenor, foi lá e deu mais uma aproveitadinha na garrafa. E degustou bem gostoso o suco que estava no recipiente.

Adenor mais uma vez voltou à geladeira e percebeu que o volume do recipiente estava menor. Logo após ele voltou à sala do escritório onde estavam todos e jogou para a plateia:

— Olá, pessoal, estou fazendo um exame e coletando urina porque parece que estou com infecção urinária e o médico disse para eu fazer a coleta da tal urina. Toda hora eu urino e a garrafa tem que estar em um ambiente frio e, portanto, coloquei lá na geladeira; entretanto, parece que alguém bebeu minha urina e agora como é que faço para coletar de novo?

Os presentes começaram a se entreolhar e arregalar os olhos. Foi quando um deles tossiu e falou:

— Poxa, que brincadeira é esta, Adenor? Guardar urina na geladeira, aonde já se viu isso? Isso é coisa que se faça?

E saiu cuspidando e escarrando para tudo que era lado. Adenor ainda disse:

— Quem manda você mexer no que não é seu?



O Julgamento

Uma vez, um jovem formado em direito, com poucos anos de casado e filhos pequenos, passou em um concurso de magistrado e após ser nomeado foi designado para trabalhar em uma cidade do interior da região sul do país. Após alguns meses o juiz já estava ambientado na cidade que era distante da capital e por isso foi morar lá. Como a cidade era pequena, todos se conheciam e era normal que o povo da localidade desse presentes aos recém chegados (galinhas de capoeira, cocadas, suco artesanal e por aí vai). O magistrado, também para quebrar a rotina do dia a dia, de vez em quando tomava umas doses com os nativos para se socializar mais com os habitantes locais. Ambientou-se com crianças, jovens, adultos, pessoas de idade. Julgava os processos de acordo com a sua consciência das leis e dos bons costumes.

Contudo, um dia, o senhor Maganel que era um homem do campo e conhecido na região, tomou umas a mais no bar de seu Deodoro, excedeu-se e acabou quebrando umas garrafas e arrastando mesas e cadeiras pelo estabelecimento. Seu Maganel não era má pessoa, apenas discutiu, naquele dia excedeu na bebida e perdeu a cabeça, mas, mesmo assim, era bem visto na comunidade e também conhecia de vista o juiz da cidade.

Contudo, naquele momento, seu Deodoro cobrou o prejuízo a ele, e este disse que não iria pagar. Talvez pelo efeito da branquinha. Ato contínuo, o dono do bar deu queixa na delegacia e passados alguns dias e depois de alguns trâmites burocráti-

cos o processo caiu no fórum distrital do município. Chegado o dia da audiência, o juiz ouve o réu, a acusação, e mais algumas testemunhas. Dentre as testemunhas presentes, um deles, senhor Moisés, era mais próximo do magistrado e costumavam também tomar umas doses juntos. E aí o Juiz pergunta:

– Senhor Moisés, o senhor vive nesta cidade há muito tempo?

Senhor Moisés responde.

– Vivo sim, doutor, desde quando eu nasci.

– O senhor está sabendo do incidente que ocorreu no bar do senhor Deodoro?

– Estou sim, doutor.

E o magistrado prossegue:

– Diga uma coisa: o senhor Maganel bebe muito?

Senhor Moisés levanta a cabeça pensa um pouco e responde:

– Doutor, posso falar?

E o juiz diz:

– Pode, com certeza, fique à vontade.

– Doutor, pra falar a verdade ele bebe que nem nós.

O magistrado ouve atento, arregala os olhos e proclama:

– Escrivão, que conste nos autos que o réu bebe moderadamente.

No final, arrependido pelo que fez, o senhor Maganel aceitou a proposição de um acordo e o processo foi extinto.



A Jabá

Patrick era um jovem nascido e criado na capital e certa vez foi passar as férias com os seus tios que moravam no interior. Lá chegando encontrou um primo que era mais ou menos da idade dele. O nome do primo era Ramalho, mas por ser gordo e robusto o pessoal na cidade chamava ele de Gordão. Gordão era o autêntico gozador, tirava casquinha de tudo e todos, mas o seu primo não sabia porque o estava conhecendo agora.

Vendo o primo chegar verdinho não conhecendo os costumes do lugar, logo resolveu agir. Era necessário fazer algumas compras para o almoço e a mãe de Gordão mandou que eles fossem fazer compras no mercadinho. Saíram de carro e o veículo pertencia aos pais de Patrick, que também estavam visitando a cidade, e logo o Gordão que tinha carteira de habilitação disse:

— Primo, vamos ali comprar uma carne que mamãe mandou.

E o primo diz:

— Ok, tudo bem.

E o outro foi logo dizendo:

— Primo, aqui no interior as coisas são diferentes você faz as compras aonde menos se espera que tenha.

E o visitante só ouvindo. Até que de repente eles param em frente a uma farmácia, e como a farmacêutica não reconheceu o carro ela já ficou um pouco ressabiada devido aos assaltos que estavam acontecendo na região. Foi quando o Gordão disse:

— Primo, tome aqui o dinheiro, chegue para aquela mulher e diga que quer um quilo de jabá.

E Patrick falou:

— Um quilo de jabá, mas afinal o que é jabá?

— Ah... Jabá vocês conhecem como charque.

Patrick então exclamou!

— Aqui está marcando que é uma farmácia.

Gordão retrucou:

— Já te disse que aqui no interior as coisas não são o que parecem e mamãe quer a jabá para colocar no feijão, deixa de conversa a e vai lá buscar logo.

E assim o fez Patrick, entra no estabelecimento e diz:

— Senhorita.

E a recepcionista:

— Pois não, moço, o que deseja?

Ele diz:

— Eu quero um quilo de jabá.

A vendedora olha para ele encafifada e diz:

— Moço, aqui é uma farmácia, se o senhor quiser jabá vá ali na venda de Seu Elias que ele tem.

Patrick desconfiado do engano se despede da vendedora, sai do estabelecimento e ao entrar no carro ver Gordão caindo na gargalhada; e aí já cismado ele diz:

— Que é isso, primo, aqui não vende esse jabá, eu não disse a você que tem a placa de uma farmácia?!

Nesse momento Gordão para de rir, fica sério e diz:

— Está vendo que você não sabe nada do interior? Rapaz, tá certo, eu esqueci de dizer, por acaso você disse a moça que a jabá não é fiado, é a dinheiro? Ela pensou que você queria comprar fiado.

E Patrick exclama:

— Ahh, então é isso?

— É, vá lá e diga que a compra é a dinheiro e mostre a cédula.

Patrick volta à farmácia e diz:

— Senhorita, a jabá é a dinheiro.

E mostra a cédula.

A mulher mais desconfiada ainda diz:

— Moço, eu já disse que isso aqui é uma farmácia aqui vendemos remédios, se o senhor quiser jabá vá lá na venda de seu Elias que ele tem.

Quando novamente Patrick voltou para o carro, o Gordão estava de novo em altas gargalhadas e não conseguia se conter. A partir de então Patrick descobriu que o Gordão era gozador e passou a tomar mais cuidado com ele durante a sua visita.

FARMÁCIA BOA SAÚDE



A Mudança

Em uma cidade do interior havia um vereador que prestava um grande trabalho de assistência social aos seus eleitores e não havia horário em que as pessoas o procurassem, pois ele sempre estava disposto a atendê-las. E assim, continuava o edil fazendo o seu trabalho enquanto se encaminhava a época em que iriam começar as campanhas eleitorais.

Até que um certo dia, mais ou menos lá pela meia-noite, depois de um intenso dia de trabalho junto aos seus correligionários, chegou em casa, tomou um banho, bebeu um ligeiro cafezinho e mesmo com fome, já enfadado, foi dormir tranquilamente afinal de contas não havia agendado nada para o outro dia.

Lá pelas três horas e meia da madrugada um eleitor dele bate na porta e chama:

— Meu vereador.

E bate de novo na porta.

— Meu vereador.

No meio do maior sono do mundo o edil se acorda com a esposa tocando no ombro dele e dizendo:

— Jacinto! Jacinto! Tem alguém batendo na porta.

O vereador se levanta ainda atordoado de sono e vai atender ao chamado.

— Meu vereador, meu vereador.

— Ôh, já estou indo.

Após abrir a porta.

— Meu vereador, num quer me atender não? Faz tempo que tô chamando aqui.

— Não, rapaz. É porque eu cheguei nestante em casa e agarrei no sono, mas me acordei com você me chamando. Estou aqui meu patrão, pode falar.

— Tá certo, meu vereador. Ôi, em primeiro lugar o senhor sabe que eu e minha família só vota no senhor. Lá em casa tem nove votos e todo mundo só vota no senhor.

(De fato, votavam mesmo)

— Eu sei, meu amigo, pode falar. Qual é o problema?

— O meu problema é fácil de ser resolvido. Eu tenho um primo que está morando em uma cidade, òia a cidade não é muito longe daqui. Fica em torno de 4 horas de viagem, é que ele, o senhor sabe, é uma pessoa muito precisada, e é para ir buscar ainda hoje.

— Ainda hoje!? Por que no domingo?

— É porque hoje é o dia de entregar a casa que é alugada e de hoje o dono disse que não passa. Quer a casa de todo jeito.

— Mas, rapaz, por que você não avisou antes?

— Já era para ter vindo aqui, mas o senhor sabe, trabaio pra lá trabaio pra cá, uma coisa aqui outra coisa acolá, e ai só pude vim agora, mas se o senhor não puder o vereador Seu Zelito disse que qualquer coisa ele pode me ajudar, mas eu prefiro que o senhor resolva.

— Olhe, vamos fazer assim, venha pela manhã que depois nós conversamos, tá certo?

— Tá certo, doutor, que horas eu passo aqui?

— Venha umas sete horas.

— Tá certo, sete horas, né?

— É, pode vim sete horas.

O edil voltou a dormir. Às seis horas o vereador se acordou e Às seis e meia lá estava seu Lazinho de novo.

— Meu vereador, já cheguei, vamo lá.

— Tudo bem, seu Lazinho, vamos tomar um cafezinho aqui comigo e depois já vamos.

— Oxen, home, ainda vai tomar café?

O edil encarou o cidadão sem dizer nenhuma palavra. Após o café a conversa foi retomada.

— Sim, seu Lazinho, para onde é mesmo essa viagem?

— É lá em Planetinho, naquele estado vizinho daqui.

— Em Planetinho, aonde fica isso?

— É onde meu primo mora e são mais dois votos dele e da mulher que ele tem agora.

O vereador coçou a cabeça e disse:

— Olha, seu Lazinho, aí tem que ver; uma mudança assim é muita coisa. Aí tem que arranjar um caminhão.

— Não precisa de um caminhão não. Uma Kombi resolve tudo.

— Mas quem tem uma Kombi agora?

Seu Lazinho disse:

— Deixe comigo que eu arranjo e o senhor acerta. Eu falei com seu Polaco da Kombi dele, e ele disse que se o senhor autorizar ele vai.

Encerrada a conversa, posteriormente ainda pela manhã o vereador encontrou com o senhor Polaco. E disse:

— Seu polaco, como vai?

— Tudo bem, meu vereador, o que é que manda?

— Tem um negócio pra resolver de seu Lazinho, é uma mudança para pegar lá em Planetinho, conhece?

— Conheço, vereador

— Dá pra buscar?

— Dá.

— Vai custar quanto?

— Pra ir buscar... vai lá... volta... o carregio... uns mil reais.

O vereador arregalou os olhos.

— Tudo isso?

— Rapaz, só dá pra ir por isso. E nem vou lucrar tanto assim porque eu não contei nem com o desgaste do carro.

O que o parlamentar poderia fazer? Afinal de contas se tratava de uma família de nove votos.

— Tá certo, mas dá pra dividir esse valor.

— Dá, como o senhor é gente boa eu vou dividir.

Então o vereador disse:

— Vamos dividir em cinco vezes.

E seu Polaco:

— O quê? Quatro! Três já é muito. Como o senhor é gente boa eu vou dividir pra duas vezes, metade mais metade.

O vereador sem saída disse:

— Tá fechado, fazer o quê?

— Pode deixar, vereador, você não vai se arrepender.

No mesmo dia a Kombi viajou. Três dias depois o vereador se encontra com seu Polaco e então pergunta:

— E aí, como foi lá?

— Olha vereador, saí daqui, uma parte da família foi comigo também me indicando o caminho. Apesar de que não carecia de ir tanta gente. Chegando lá abasteci a Kombi, encontramos o primo dele, a família dos irmãos de seu Lazinho, tudo gente boa, foi prosa pra lá, prosa pra cá. Teve almoço de rabada, feijoada e muita festa; na verdade fazia uns dez anos que a família não se via. Quanto à mudança o primo dele desistiu de vim, vai ficar por lá mesmo. Mas todo mundo ficou satisfeito. Dormimos lá e voltamos no outro dia; mas isso eu não vou cobrar do senhor não.

— Então deu tudo certo?

Perguntou o vereador.

— Tudo certo, vereador. Mas vou lhe dizer uma coisa. Pelo que eu vi não tinha mudança não; o negócio era passeio mesmo.

O vereador levantou as duas mãos e disse:

— Fazer o quê?!

Durante as eleições seu Lazinho e os familiares votaram no vereador, que se reelegeu; e os pedidos... continuaram.



A Injeção

Certo dia, uma senhora do interior, dona Carlota, contraiu uma forte gripe e foi parar no posto de saúde local. Lá chegando fez a ficha e marcou a consulta. O médico estava atendendo outros pacientes e logo chegou a vez dela. Ela já estava preocupada porque o doutor, e todo mundo já sabia disso, só diagnosticava o remédio contra a gripe ou de uma moléstia mais grave passando uma bela injeção, de nome benzetacil, que resolve o problema, mas dói pra chuchu. Para diminuir um pouco a dor, costuma-se misturá-la com xilocaína, mas naquela época não havia este anestésico no posto médico, então a opção era tomar crua mesmo, de preferência no bumbum. E quando aplicada no bumbum tem gente que fica um dia inteiro sem sentar direito.

E lá estava dona Carlota, que fora atendida pelo doutor para tomar a injeção, e o posto médico já estava quase fechando e só se encontrava uma estagiária, de nome Lindinha, para aplicar o produto. E como dona Carlota precisava tomar a medicação não havia outro jeito; seria ali e agora. Como todos na cidade eram conhecidos, dona Carlota disse:

- Lindinha, você trabalha aqui?
- É. Estou estagiando aqui agora no posto.
- Eu vim tomar uma injeção, você sabe aplicar? Eu não sabia que você era enfermeira.
- É, não se preocupe que já vou aprontar a seringa.
- Mas Lindinha, você já deu injeção em alguém?

— Ah, Dona Carlota, não se preocupe, eu fiz um curso de auxiliar de enfermagem em São Paulo e não estou aqui à toa não.

E Lindinha já não gostou de ter a sua pouca reputação questionada.

Dona Carlota perguntou por outras enfermeiras mais experientes, mas todas já haviam terminado o expediente, e assim Lindinha prosseguiu.

— Levanta o bumbum.

E dona Carlota toda desconfiada assim o fez. Quando a senhora mostrou o bumbum para fora, Lindinha foi lá, enfiou a injeção e empurrou a dose e, ao final, dona Carlota gritou!

— Haaaaaaaai.

Quando Lindinha retirou a agulha dona Carlota exclamou.

— Se eu soubesse que era assim eu não tinha tomado.

E Lindinha na maior cara de pau disse:

— Amanhã de manhã a senhora venha aqui para eu dar a outra dose.

E Dona Carlota, com muita raiva, retrucou.

— A peste é que vem mais aqui, vá enfiar essa agulha em outro fi do cabrunco não nêu.

E a mulher foi embora manquitolando para casa.



O Retorno do Som

Certa vez, havia o dono de um bar; ele se chamava Juventino. Juventino vendia bebidas e tira-gosto, e de vez em quando colocava um som ao vivo para a animar a rapaziada. Foi quando um dia, um dos seus melhores fregueses passou uma ideia para ele.

— Juventino, tem um cabra aí que tá fazendo o maior sucesso. O nome dele é Randê. E é quem está estourando nas baladas.

— Tá certo, vou procurar saber.

Disse Juventino.

Quando foi um dia, Juventino encontrou um produtor musical e o nome dele era Altinho, porque ele era bem alto e magro. Juventino quis saber do produtor se Randê estava fazendo aquele sucesso todo como diziam as boas línguas. E Altinho disse que era verdade, que o cantor era bom e era o sucesso do momento e da galera de plantão.

Passado algum tempo, Juventino fez um acerto com o produtor. Acertou o cachê do artista, fez a divulgação, colocou o anúncio em carro de som, cartazes no bar e na vizinhança, comprou bebidas quentes, cervejas, refrigerantes, tinha tudo para ser um estouro, quer dizer, um grande sucesso. Altinho tinha uma equipe de produção, e entre eles havia um com o nome de Mocaró. Altinho já havia produzido shows de Randê montando inclusive, palco, som e iluminação em outros shows do cantor, e justamente Mocaró já havia tido problemas com o Randê em tocadadas anteriores.

Mocaró era aquele que entendia tudo de som; se dava defeito ele consertava, se queimava um fusível ele fazia a solda, se tro-

casasse a pilha e a bateria não funcionasse ele consertava a bateria. Mas o problema era que ele e Randê já haviam se desentendido, porque Randê em outro show disse que o retorno do som não estava bom e isso mexeu nos brios de Mocaró; o produtor reclamou com Mocaró e este disse que o problema era o cantor que não prestava, bem na frente do Randê, aí não deu outra, discussão pra lá discussão pra cá e quase que os dois saem no tapa. Mocaró era um excelente profissional, mas gostava de um quente e, de vez em quando, sempre que podia, dava um tapa na macaca. Já Randê começou a fazer sucesso demais e dizia que não aceitava ofensas de subalterno, e assim os egos se afloraram.

Decorridos estes pormenores, chega então a noite do show. Palco montado, a plateia apareceu em peso, Juventino com muita gente comprando, bebendo e comendo, a noite prometia: Banda pronta com os instrumentos sendo afinados, o cantor aparece e começa a ditar a situação. Disse a Mocaró para ele retirar uns apetrechos que estavam atrapalhando o palco e posteriormente começou a dizer como queria que ficasse o som:

— Olha, eu quero o som no volume médio, aqui eu quero um pouco de agudo; coloque os graves daquele lado, regule a mesa de som direitinho, veja se os canais estão bem distribuídos e verifique bem o retorno dos fones que eu gosto de tudo bem arrumadinho dentro dos conformes; afinal de contas eu sou a estrela aqui.

Mocaró só ouvindo calado, mas explodindo por dentro, no seu íntimo ele pensava “esse cara é enjoado, ele já me encheu outras vezes, mas hoje ele me paga”.

Feitas as apresentações, o cantor inicia o show e já na terceira música, quando a galera já estava embalada Mocaró pensou de novo: “agora você me paga”.

Mocaró já estava cismado com o cantor Randê, e então conhecedor do som e, sabendo que através dos fones de ouvido apenas Randê ouviria o retorno do microfone, assim que

o cantor terminou a terceira música e a plateia começou a aplaudi-lo, Mocoró despachou:

— Você não toca nada, você não sabe cantar, você é um cantorzinho safado, vou desligar o som, cabra safado, você é de nada, eu canto mais do que você. Venha pro tapa se for home, cabra safado.

E assim continuou...

Randê que também era pavio de sangue quente, começou a se estressar, se encheu de raiva e disse:

— Olha, quer saber? Acabou o show!

A plateia tomou um grande susto pois não sabia o que estava acontecendo.

E de súbito, Randê olhando para Mocoró disse:

— Eu vou matar você, cabra safado.

E partiu pra cima de Mocoró. Nesse meio tempo os músicos do palco mesmo sem saber o que estava se passando correu para o abafa e ambos foram segurados para que nada de mal acontecesse com mais alguém. Posteriormente, a produção ficou sabendo do ocorrido, pediu para que o show continuasse, mas Randê se recusou a tocar de novo. Resultado: o show acabou, o dono do bar ficou no prejuízo, Mocoró foi despedido e o público voltou para casa sem saber o que realmente ocorreu lá em cima do palco.



A Inflação

Certa vez, um país (pertencente ao bloco da antiga União Soviética, logo após a queda do regime comunista) entrou em uma profunda recessão econômica acompanhada por um índice muito alto de inflação. Os burocratas econômicos tentaram de tudo para aliviar a situação; choque econômico pra lá, choque econômico pra cá, e a inflação continuava subindo.

Até que um dia, cansados das cobranças políticas e populares, sentaram ao redor de uma mesa de negociações e alguém disse:

— A situação é difícil, quem poderá nos ajudar.

E o outro.

— Quem?

Mais outro

— Quem?

Resposta! Isso mesmo, prezado leitor. Ele mesmo. O chapulin verde-amarelado. Pois é, amigo, pois é, amiga; do outro lado do mundo eles pensaram: havia um país no continente americano que sofria destes mesmos problemas. Que país era este? O Brasil, é claro. Aí não deu outra. Mandaram buscar economistas brasileiros para resolver a situação daquele país lá na extrema parte do globo terrestre. E, além do mais, mandaram buscar justamente os monetaristas e aí não faltou quem quisesse ir. Viagem para o exterior, com passagens, hospedagem, todo o glamour, mostrar serviço em outro país, um pacote perfeito. E para lá se foram os monetaristas com chefe de equipe e tudo.

Tão logo que chegaram se reuniram com a cúpula político-econômica do país e iniciaram o programa econômico. É lógi-

co que a imprensa nacional noticiou os acontecimentos e o povo guerreiro daquele país ficou bastante esperançoso. E os remédios para os males econômicos daquela nação foram os já conhecidos por nós. Indexação dos contratos e meios de pagamento, taxas de câmbio altamente flexíveis, congelamento de preços e salários, ajuste fiscal rigoroso, redução dos gastos do governo, corte de incentivos fiscais e assim por diante.

Passados alguns meses a inflação continuava subindo, a recessão aumentou os burocratas nativos perderam a paciência e o povo que era chegado a uma guerra, já queria linchar os doutores. Depois disso, já sem acreditar nas reformas implantadas, um economista local disse aos brasileiros:

— Olha, é melhor vocês irem embora enquanto é cedo porque isso aí pode dar certo no Brasil, mas aqui no nosso país vai dar certo não. *Do svidaniya, brasileiros.*

Como não havia internet naquele tempo, os monetaristas, que tinham apoio da imprensa local no Brasil, voltaram se gabando que haviam resolvido os problemas econômicos daquele país.



Meio Voto

Certa vez, havia um eleitor com nome de Andeu que era fanático pelo seu líder político. E mais uma vez a liderança seria candidato a prefeito. Até aí tudo bem. Entretanto, no dia da convenção para a escolha dos candidatos foi feita a composição com um candidato a vice-prefeito que costumava xingar Andeu de tudo quanto era nome, e Andeu fazia a mesma coisa visto que houve um tempo em que eram adversários ferrenhos. Ou seja, o escolhido para a vaga de vice-prefeito era um eterno desafeto de Andeu. Como os outros eleitores sabiam disso, e há aqueles que gostam de tirar uma casquinha nestas ocasiões, depois de tudo aprovado nas convenções, os eleitores começaram a colocar cartazes com as fotos dos dois candidatos colados um ao outro, afinal um era candidato a prefeito e o outro era candidato a vice-prefeito, óbvio que na foto os dois estariam juntos.

De repente, um dos eleitores que gostavam de fazer enxame, viu uma dessas fotos pregadas na frente da casa de Andeu, foi lá e disse:

— Eu não falei que você ia votar no vice, ói lá a foto dele.

E Andeu falou:

— E daí? Deixe pra lá.

E o amigo insistiu.

— Eu não falei que você votava nele?

— Deixe pra lá, home, eu já não disse?!

Depois de algum tempo passa outro eleitor e diz:

- Andeu, vai votar no vice?
 - Deixe pra lá, esqueça disso.
- Sempre respondia Andeu.

Aí, a estória se espalhou pela redondeza, que Andeu, que era cismado com o outro político, colocou a foto do candidato dele junto com a do vice na parede da frente da casa. Andeu vendo que não tinha jeito pensou:

“Tenho que fazer alguma coisa pra acabar com estes comentários.”

E aí entrou em ação. Foi lá no retrato e arrancou a parte que possuía a foto do vice que era o seu desafeto. E indagou todo contente: “quero ver esses cabra safado dizer alguma coisa agora”.

No outro dia um eleitor da vizinhança de Andeu, o mesmo que espalhava as conversas e gostava do enxame, viu a foto rasgada pela metade e espalhou o acontecimento. Algum tempo depois Andeu foi dar uma volta pela cidade e ouviu o primeiro comentário:

— Meio voto.

E outro:

— Meio voto.

E Andeu respondeu.

— Que negócio é esse de meio voto?

E um outro retrucou:

— Você rasgou o cartaz no meio, então se o cartaz todo era um voto agora rasgado é meio; você tem meio voto.

Andeu não gostou nada do novo apelido. E daí em diante mesmo não gostando ficou conhecido assim na cidade. E toda vez que passava algum brincalhão dizia:

— Meio voto.

E ele dizia.

— Meio voto é você, fi do cabrunco.

E o outro:

– Meio voto.

– Vá se arrombar, fi da gota.

E mais um outro.

– Meio voto.

E Andeu:

– Vá procurar o que fazer, fi da peste.

E até os seus últimos dias ele carregou o fardo e o apelido daquela eleição.



A Barraca

Há uma turma que gosta de camping, gosta mesmo é de acampar. Acampa nas montanhas, acampa em áreas reservadas aos campings, acampa nas praias, acampa próximo aos rios e por aí vai, aonde houver um espaço lá está a boa galera acampando.

Certa vez, em uma área de camping, houve uma festa com shows de música pra tudo quanto era gosto, axé, forró, sertanejo, etc. Encontro de todas as tribos, e próximo ao evento várias barracas foram montadas. A festa estava mais voltada para o público jovem e conseqüentemente havia muitos jovens acampados cada um na sua tribo e tirando onda com a cara dos outros. Até que uma barraca se destacou; eram quatro jovens, cada um se achando o máximo; atletas, uma boa vida, vaidosos e outros atributos. Também havia a turma do Adenaldo, que era bem mais tranquila, cada um na sua sem fazer mal a ninguém.

De repente, essa turma dos vaidosos entra em atrito com a turma do Adenaldo. Só não saiu porrada porque a turma do deixa disso entrou na parada. (Adenaldo era um moreno, magrinho, muito esperto e tinha o apelido de Saci porque gostava de dar pulos e não era de brigas. O negócio dele era curtir a vida). E, como dito, só não saiu farpas entre as turmas porque Saci pediu calma aos seus colegas mais esquentados. Muito bem, Saci pediu calma, entretanto, antes dos encrenqueiros se afastarem um deles falou:

— Aí ó, tem que fazer igual ao magrinho, é se afastar mesmo porque comigo é na porrada.

E os outros três amigos bossais também fizeram coro ao primeiro:

— É na porrada mesmo, se não correr a gente pega mesmo.

A turma do Saci foi se afastando, e como a festa iria durar uns três dias e isso aconteceu logo na primeira noite, ele então pensou:

“Vou descontar, essa não vai ficar barato, esses malandros almofadinhas vão me pagar.”

No outro dia, a turma do Saci cozinhou uma bela feijoada, com tudo que se tem direito. Toucinho, bacon, feijão preto, tripa de porco, jabá e demais ingredientes. Além da feijoada, para completar fizeram uma buchada de bode, afinal a turma do Saci gostava de comer pra valer, apesar de ser magrinho, Saci comia muito. Não faltou também a cervejinha, a caipirinha, o uisquinho, refrigerantes, capeta e assim passaram o dia todo comendo e bebendo, visto que as bandas só tocavam a partir das nove horas da noite.

A turma dos almofadinhas (como pensou Saci) assim que deu oito horas da noite se aprontou, fechou a barraca e foi pra balada (nisso todo mundo sabe, balada de jovens vai até o dia amanhecer). O Saci, muito esperto, ficou de olho neles, como dito, Saci era magrinho, mas comia e bebia feito um trem, valia por três nessa hora. Como dormiu cedo para aproveitar a noite, Saci lá pelas onze horas da noite acordou com dor de barriga, com o estômago cheio, e aí ele pensou “é hora de descarregar”. Olhou para um lado, uma barraca, olhou para o outro lado, outra barraca, o toailete era longe e ele já sem aguentar, iria fazer cocô nas calças; foi quando de repente ele avistou a barraca dos almofadinhas. Não pensou duas vezes, foi lá, conseguiu abrir a barraca e bem no cantinho mandou ver: desovou tudo, pra lá de um quilo. A mistura da feijoada com a buchada dá um belo in-

grediente, foi uma cocorama braba. Não era à toa que Saci era magro, mesmo comendo muito, pois o intestino dele trabalhava bem. Assim que acabou o serviço colocou as sacolas de roupas na frente do cocô, e foi para a festa se divertir.

Mais ou menos lá pelas seis horas da manhã, já nascido o dia, os quatro amigos chegaram mortos de sono, muita farrá, ressacados, todo mundo cansado e foram dormir. O odor do excremento se segurou durante a noite, mas pela manhã o sol aos poucos foi esquentando, e aí o aroma começou a tomar conta da barraca, que estava toda fechada. E o aroma, ou melhor, o mau cheiro, foi tomando conta do pedaço. Lá pelas nove horas da manhã um deles foi acordando incomodado com o forte cheiro, afinal, este estava mais perto do cocô. Acordando o outro este diz:

— Você soltou um pum?

O outro, ainda sonolento, diz:

— O que? o que?

— Você soltou um pum fedido?

E ele responde:

— Eu não, eu não.

E acordou os outros fazendo a mesma pergunta e recebendo negações como resposta de todos. Daqui a pouco, o que fez as perguntas ao virar de lado toca com a mão no cocô e é aí que o mau cheiro levanta e toma conta de vez da barraca; esse sai azedo de raiva e começa a gritar:

— Quem fez cocô na minha barraca?! Quem foi esse miserável que cagou na minha barraca?! Apareça pra eu matar você, desgraçado. Apareça se for macho.

Os vizinhos das barracas demoraram a entender o que estava acontecendo, contudo, Saci que já havia voltado do show e ouvira os gritos de raiva do rapaz começou a dar gargalha-

das distante do acontecimento. Saci deu o troco como desejado, e os rapazes nunca souberam que foi ele que fez aquilo. Quanto aos almofadinhas, diante do ocorrido foram embora mais cedo do local.



GLOSSÁRIO

Capeta – bebida de coquetel de frutas com álcool.

Chamar na chincha – chamar a atenção de alguém, pôr ordem ao feito.

Ximando – Do verbo ximar. Significa desejar algo de outro. Geralmente, bebida ou comida; muito parecido com lambendo os beiços.

Clima não estava para peixe – Quer dizer que o ambiente não estava bom, não era bom estar ali naquele momento.

Dar um tapa na macaca – Puxar uma erva, fumar um baseado.

Do svidania – Em russo quer dizer: tchau, até mais.

Escambal a quatro – Quando mais coisas acontecem ou podem acontecer.

Efeito da branquinha – Pessoa que está sob alto efeito alcoólico.

Fazer enxame – Levar a conversa ou ação para tudo quanto é canto; de esquina em esquina.

Fi do cabrunco – quer dizer bom ou ruim. Por exemplo: Fi do cabrunco ruim de bola, quer dizer que o jogador é ruim. Fi do cabrunco bom de bola. Significa que o jogador é bom.

Lambendo os beiços – É uma expressão parecida com o verbo ximar; estar desejando algo para comer ou para beber.

Manquitolando – Do verbo manquitolar. Significa que a mulher foi se arrastando para a sua casa.

Monetaristas – Corrente de economistas que defendem as grandes empresas e o mercado. Divergem dos desenvolvimentistas que defendem a atuação do Estado como mantenedor de investimentos públicos e sociais para a população.

Pelota – Bola de futebol no jargão futebolístico.

Penteando o macaco – Ficar sem reação, sem ter o que fazer ou dizer.

Pessoa muito precisada – Pessoa carente de recursos sociais e financeiros.

Pueril da disgrama – Muita poeira levantada.

Relano na trave – Quando a bola de futebol passa raspando a trave.

Tamanho cururu – Sapo grande, bem gordão, maior que o normal.

Tomar um quente – Beber bebida alcoólica. Geralmente destilados. Uísque, rum, vodca, aguardente, etc...

Trevaliando – Do verbo trevaliar. Ficar enrolando sem querer dizer algo ou falar sem dizer alguma coisa.

Ximbar – Verbo. Significa se dar mal. Exemplo: O aluno ximbou na prova. Traduzindo: O aluno se deu mal na prova.

tiragem		<i>100 exemplares</i>
fonte		<i>exo 11,5pt e 14pt</i>
papel		<i>off-set 75g/m² (miolo)</i> <i>supremo 300g/m² (capa)</i>
formato		<i>15x21cm</i>



9788553117865